

O ENCANTO E DESENCANTO DE PROFESSORES NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Luiz Síveres – UCB

Resumo

A história da humanidade está sendo configurada por períodos concomitantes e dialógicos de encantamento e desencantamento. Compreender, portanto, estas realidades é ter consciência de que o momento atual se revela por uma diversidade de cenários e paradigmas que influenciam, direta ou indiretamente, a conduta humana. Assim, o desencanto, dentre inúmeras manifestações, está sendo identificado pela tristeza, decepção e desilusão, consideradas características específicas do professor no exercício da docência na realidade contemporânea. Porém, a superação desses atributos pode ser encontrada em distintas propostas, mas a contribuição de Carl Gustav Jung (1875-1961) é de significativa relevância, principalmente pela abordagem subjetiva de “educar para a personalidade”, pelo enfoque pedagógico de desenvolver o “coração do educador”, e pela sugestão de que o exercício profissional precisaria estar inserido num “projeto de designação”. Na medida em que estas disposições, dentre tantas outras, forem incorporadas na vida e na profissão do professor, o exercício da docência poderia se caracterizar como um processo de encantamento pessoal e profissional.

Palavras-chave: Encanto. Desencanto. Educação. Docência.

O ENCANTO E DESENCANTO DE PROFESSORES NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

A vida da humanidade, na conexão com as diversas formas vitais existentes sobre o planeta, produz e reproduz-se no horizonte de sua plena realização. Nesse percurso histórico, porém, as expressões de vitalidade humana revelaram-se por meio de motivações dialógicas de luz e escuridão, e o ser humano vive e convive numa relação dialética entre o consciente e inconsciente, o pessoal e o coletivo, e entre o encantamento e o desencanto.

No contexto contemporâneo é possível perceber, porém, a supremacia do desencanto em relação ao encanto e esta tendência pode ser intuída, principalmente, entre os professores porque eles são um reflexo das condições pessoais e profissionais

da sociedade atual. Com base nesta constatação, o desencanto é compreendido no ambiente educativo, de acordo com Pablo Gentili e Chico Alencar (Cf. 2001, p. 11-17), como tristeza, desilusão ou decepção, e tais características estão se revelando na vida do professor.

Esta percepção está inserida, também, numa problemática conjuntural enfrentada pelos professores, na medida em que os mesmos se defrontam com questões econômicas como o baixo salário, com questões administrativas como é o caso da inadequada infraestrutura, ou com questões vivenciadas pelo elevado grau de adoecimento, identificado pelo alto índice de atestados médicos. É recomendando perceber, portanto, que existem problemas pessoais e conjunturais que expressam o desencanto do professor no exercício da docência.

É possível configurar uma hipótese no sentido de identificar, de modo especial nos últimos tempos, um percurso educacional fortemente reduzido aos parâmetros racionais e instrumentais, deixando-se para um plano secundário todas as demais dimensões humanas. Por isso que Waldemar Magaldi Filho afirma que, “na medida em que aumenta a racionalização diminui o encantamento do mundo” (2010, p. 112). No procedimento desta afirmativa, enquanto persistir a primazia da racionalização e da instrumentalização na educação, maior será a probabilidade do desencanto se tornar ainda mais evidenciado na vida do professor e no exercício da docência.

A opção pelo exercício da docência se dá devido às distintas atuações que o professor pode desempenhar no cotidiano educativo, seja como gestor institucional, como coordenador pedagógico ou como pesquisador acadêmico. Sem desconsiderar estas possibilidades, está se priorizando, portanto, a relação entre professor e estudante, bem como, a dinâmica de ensino e aprendizagem, isto é, o desempenho do professor no cenário educativo.

Com o objetivo de compreender esta realidade serão apresentados, inicialmente, alguns cenários que revelam características do encanto e desencanto, na sequência, o entendimento de alguns paradigmas que dão suporte a este contexto desencantador e, finalmente, a indicação de algumas sugestões de encantamento, com base na proposta de Carl Gustav Jung (2011a, 2011b, 2011c, 2011d, 2011e, 2012), de modo a contribuir com a vida do professor no exercício da docência no contexto contemporâneo.

1. CENÁRIOS DE ENCANTO E DESENCANTO

Os cenários que expressam categorias de encanto e desencanto são inúmeros. Mas um primeiro cenário pode ser observado sob a ótica de Sygmunt Bauman, que no conjunto de suas obras, identificadas algumas como *Modernidade líquida*, *Tempos líquidos*, ou *Vida líquida*, revelam que as relações humanas e as suas instituições caracterizam-se pela identidade líquida. Segundo o autor, o mundo no qual vivemos compreende-se como líquido e em decorrência, “os laços humanos tornam-se tênues e delicados, facilmente quebráveis e com frequência efêmeros” (2011, p. 24). Essa constatação revela tanto as ameaças, quanto as oportunidades, configurando as polaridades energéticas das principais tendências da civilização atual.

No conjunto dessas tendências, a mais evidente está associada ao consumo. Mas de acordo com Bauman, “vivemos hoje numa sociedade global de consumidores, e os padrões de comportamento de consumo só podem afetar todos os outros aspectos da nossa vida, inclusive a vida de trabalho e de família” (2011, p. 64). Nessa perspectiva, todos os segmentos e todas as realidades são afetados pelo consumismo, transformando, inclusive, os sujeitos em objetos de consumo.

Portanto, numa sociedade líquida, na qual o consumo é a mola propulsora, pode-se concordar com Bauman, na medida em que afirma que “a mudança reflete as variáveis condições de vida resultantes de processos líquidos modernos de desregulamentação e privatização” (2011, p. 123). Para tal contexto, a habilidade que precisa ser desenvolvida é a flexibilidade, tornando-se a cada dia diferente e agindo de modo diferenciado diante das distintas situações que se revelam ao sujeito e à sociedade.

Num cenário no qual “a vida líquida moderna é um ensaio diário de transitoriedade universal” (BAUMAN, 2011, p. 188), é preciso supor que o tempo, o espaço e os processos são fluidos, que as relações pessoais, sociais e transcendentais são momentâneas, e que os seres humanos, as instituições sociais e os sistemas globais estão em constante movimento. Todas estas características revelam a transitoriedade, isto é, precisa-se aproveitar a correnteza da água, deixando-se levar pelas suas ondas.

O segundo cenário é construído por Gilles Lipovetsky que, dentro do seu amplo arcabouço teórico, compreende o período atual como *A era do vazio*, *O império do efêmero*, ou *Metamorfozes da cultura liberal*. O vazio está sendo identificado com a figura mitológica do Narciso, que segundo o autor, configura o ser humano e suas relações, consigo mesmo dentro de uma cápsula de vidro. Neste encapsulamento “a oposição entre o sentido e a ausência de sentido já não é dilacerante e perde seu

radicalismo diante da frivolidade ou futilidade da moda, dos lazeres, da publicidade” (2005, p. 21). É possível, pois, constatar que existe um vazio existencial e que o mesmo está sendo preenchido pelo consumo, pela tecnologia e pela moda.

Considerando, portanto, que o sentido histórico foi abandonado, que os valores existenciais foram descartados, e que as finalidades transcendentais foram diluídas, é oportuno concordar com Lipovetsky, na medida em que afirma que “o narcisismo foi gerado pela deserção generalizada dos valores e finalidades sociais, ocasionada pelo processo de personalização” (2005, p. 34). Todo esse procedimento pessoal potencializa o individualismo, que se faz e refaz pelo desejo estético, erótico e afetivo, configurando o espelho do vazio no mundo atual.

O espelhamento contemporâneo, mais do que refletir a pessoa e a realidade, constitui-se num caleidoscópio que reflete uma infinidade de fisionomias e fenômenos. Esse fato, segundo Lipovetsky, revela “solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora *de si mesmo*” (2005, p. 57). No fundo, há uma ruptura com todas as possibilidades relacionais, uma descontinuidade com todos os processos históricos, e uma flexibilização dos valores existenciais.

Esses vetores fortalecem, segundo Lipovetsky, um individualismo *à la carte*, que se produz e reproduz pela satisfação dos seus desejos hedonistas. Na essência, de acordo com o autor, “Narciso é sempre Narciso, a encarnação emblemática do nosso tempo centrípeto” (2005, p. 197). Neste estágio, no qual todas as forças são potencializadas para a satisfação individual, por um lado tudo é movimento, tudo é comunicação e tudo é satisfação, e por outro, novos problemas, novas angústias e novas expectativas vão surgindo para preencher o vazio existencial.

O terceiro cenário é formatado por Cornelius Castoriadis, que na diversidade de suas obras trabalha *As encruzilhadas do labirinto*, *Uma sociedade à deriva*, ou *A criação humana*. O autor (2009) argumenta que, mais do que sair da caverna, é preciso percorrer o labirinto, percurso que nos últimos séculos foi pautado pelo projeto de autonomia social e individual, pela proposta de uma consciência histórica e pela valorização da liberdade e igualdade.

Com o objetivo de percorrer o labirinto, está sendo proposta uma atitude humana que esteja em constante movimento, ou na linguagem de Castoriadis, “cada vez que acreditamos encontrar uma porta, efetivamente, encontramos uma passagem” (2009, p. 54). Neste caso, mais do que apreciar a estrutura da porta é preciso valorizar a dimensão

estruturante da passagem. Isto é, quanto mais se estiver em movimento, maiores são as possibilidades para se encontrar uma brecha que possibilita uma saída.

Enquanto não encontrarmos uma fissura no tecido pessoal e social, segundo Castoriadis, vamos passar “a maior parte do tempo de nossa vida na superfície, tomados pelas preocupações, pelas trivialidades, pelo divertimento” (2009, p. 76). Esta compreensão supõe o entendimento de que se vive num caos ou num abismo, caracterizado pela dimensão caótica tanto do próprio ser humano, como das aparências de um mundo massificador e manipulador.

Considerando, portanto, que vivemos numa realidade caótica, ou segundo Castoriadis (2009), num estado de embriaguez, num período de ausência de sentido, num momento de esgotamento da criatividade, numa era de recuo de projetos democráticos, numa temporada de letargia política, numa posição de conformismo histórico, é preciso abrir algumas janelas, movidas pela ação mental e pela atuação emocional.

Portanto, a contribuição desses teóricos, dentre tantos outros, pode ser percebida, justamente pelas motivações e relações líquidas (BAUMAN, 2011), pelo vazio essencial e existencial (LIPOVETSKY, 2005), e pelo caos e ausência de sentido (CASTORIADIS, 2009). Juntamente com a compreensão de uma sociedade globalizada, da emergência de culturas locais, do fortalecimento de regimes totalitários, da dinâmica do comércio internacional, é possível perceber tanto desafios como possibilidades. Mas é neste cenário que é oportuno acolher a reflexão de Jung, quando afirma que “a vida da alma em eterna mudança representa uma verdade mais grandiosa, ainda que incômoda, do que a rigidez segura de um ponto de vista” (JUNG, 2012, p. 92). É, portanto, num contexto de mudança, de movimento e de circulação que se deveriam compreender as tendências da realidade contemporânea.

Assim, as tendências do cenário construído, além de outras que poderiam ter sido incorporadas, representam as expressões mais importantes da conduta humano no limiar do século atual. Elas incidem, por sua vez, diretamente sobre o jeito de ser e de conviver da civilização humana e precisam, portanto, serem consideradas como o substrato conjuntural dentro do qual se desenvolvem a vida e o exercício profissional dos docentes.

2 PARADIGMAS DO ENCANTO E DESENCANTO

Tendo consciência, porém, que a realidade atual se expressa por uma infinidade de características, foi possível argumentar que os cenários hodiernos estão fortemente marcados por uma cultura líquida, pela era do vazio e por um contexto de caos pessoal e social. Na confluência desse panorama é recomendável destacar alguns paradigmas que dão um suporte a este processo de desencantamento.

Assim, o contexto contemporâneo, como os demais períodos históricos, tiveram seus parâmetros de desencantamento, mas a reflexão humana não pode se esgotar na percepção do cenário e “nem substituir a incerteza das sombras pelos contornos nítidos das próprias coisas, a luz vacilante de uma chama pela luz do verdadeiro Sol” (CASTORIADIS, 2009, p. 50). Segundo o autor, é necessário conviver com esta realidade paradoxal, assumindo as possibilidades tanto da escuridão quanto da luz, tanto da incerteza quanto da certeza, tanto do encantamento quanto do desencantamento.

Assim, pode-se inicialmente recorrer a Weber (1992), como um dos teóricos sociais mais significativos da modernidade, que para compreender a gênese do capitalismo, com base no racionalismo econômico, reporta-se à ética protestante que fornece os princípios sobre os quais se desenvolve a acumulação de riquezas. O espírito de acumulação está fortemente vinculado a um estilo de vida ascética e a um *ethos* materialista. Esta disposição para o trabalho torna-se a energia dinamizadora do espírito do capitalismo, deixando todas as demais dimensões humanas à deriva, fato que contribui com uma situação de desencanto. Percebe-se, portanto, uma sinergia entre a intelectualidade e racionalidade, aspectos essenciais para o desenvolvimento pessoal e social, mas que a sua massificação provoca um certo desencanto.

Outro aspecto que incide sobre a vida moderna, segundo Arendt (1999), não é a alienação em relação ao ego, mas em relação ao mundo. Existe, portanto, uma tendência que se expressa como alienação do mundo, apesar das descobertas, das revoluções ou da ampliação de fronteiras. Segundo a autora, a alienação do mundo se dá, principalmente, porque o processo de fabricação ocupou o espaço da ação política, criando-se uma desmotivação ou descontentamento para com tudo aquilo que propiciava um significado para a humanidade. O *homo faber* distanciou-se de um projeto cultural e esgotou todas as suas energias na produção, fato que o levou a um estágio de desencantamento.

Ainda outra incidência muito forte sobre o contexto atual, é o cenário construído por Hardt e Negri, com base na figura do império, compreendido este como um poder que está acima de qualquer regime social e funciona independente de qualquer desejo cultural. Mas é no seio desse movimento imperial que, segundo os autores, “as forças

criadoras da multidão que sustenta o Império são capazes de construir, independentemente, um Contra-império, uma organização política alternativa de fluxos e intercâmbios globais” (2001, p. 21). Na possibilidade de entender que o império domina todas as iniciativas políticas e as manifestações culturais, é desejável compreender como o desencanto se apresenta de forma evidenciada.

A contribuição desses teóricos ajuda a compreender o desencanto na contemporaneidade, sinalizada sob o aspecto econômico weberiano, pela dinâmica política arendtiana, e pela disposição cultural de Hardt e Negri. É necessário lembrar que não são aportes isolados, mas fazem parte de um conjunto epistemológico, apesar da tonalidade que cada autor dá para a sua análise. Outros recortes poderiam ter sido feitos, mas estes paradigmas englobam, porém, um conjunto considerável da dinâmica social e refletem diretamente sobre o sistema educacional.

Nestes paradigmas podem ser observados, tanto aspectos positivos, quanto negativos; tanto qualidades boas, quanto más; tanto encaminhamentos desejáveis, quanto indesejáveis. Não é o caso de se fazer uma análise valorativa que compreenda apenas uma dessas realidades, mas perceber que as duas dinâmicas estão misturadas e interagem de forma contínua. De acordo com a compreensão de Jung, “mesmo no melhor e precisamente no melhor existe o germe do mal. E nada é tão mau que não possa produzir um bem” (2011b, p. 289). Esta proposta revela que a polaridade entre o bem e o mal sempre irá existir, mas é preciso acreditar e dispor de energia suficiente para impulsionar a pessoa e a sociedade para o bem, para a positividade e para o desejável.

Esta disposição permite compreender, de acordo com Jung, que “a luz pressupõe sempre a escuridão. A escuridão clama por visão, a obscuridade por clareza, a diversidade e falta de harmonia por unidade e consonância” (2011a, p. 80). Existe, portanto, uma realidade complexa que se revela tenebrosa, mas que aponta sempre para a sua superação e existe, ainda, uma condição humana obscura que indica para um sentido espiritual, que se revela como uma luz em meio à escuridão.

A dimensão social e pessoal também são polaridades que se encontram e confrontam cotidianamente. Embora a categoria social tenha sido considerada primordial, principalmente nos últimos séculos, é recomendável lembrar o ensinamento de Jung, que percebeu que os grandes problemas da humanidade são originários da problemática psicológica e que a solução dos desacertos da sociedade pode vir da

harmonia psíquica, porque “o psíquico é um poder imensamente maior do que todas as demais forças terrestres” (2011a, p.71).

Portanto, os paradigmas analisados expõem a humanidade para grandes desafios, revelando que existem tensões estruturais marcados pelos desajustes econômicos, pela alienação política, e pela fragmentação das culturas. É possível perceber, neste caso, o vazio existencial, a ausência de sentido, e a superficialidade das relações, mas também, segundo Pinto, “a realização plena do indivíduo em todos os povos. A realização do indivíduo em toda a humanidade” (2011, p. 20).

Para esta realidade, diante de tantos outros fatores, “a humanidade civilizada deve voltar a sua mente para as realidades fundamentais” (JUNG, 2011a, p. 79), que segundo o autor, precisam ser encontradas na profundidade de cada ser e na constelação do consciente e inconsciente. São estes aspectos, portanto, que podem se constituir em pressupostos de encantamento do professor no exercício da docência.

3 POSSIBILIDADES DE ENCANTAMENTO

Tendo como referência a percepção dos cenários e a influência dos paradigmas acima descritos, é oportuno concordar, novamente, com Gentili e Alencar (2001), de que o século passado deixou para a humanidade a marca do desencanto, que significa desilusão, decepção e tristeza, e tais características encontram-se no espaço pessoal e social, e influenciam o perfil do professor e seu exercício na docência. Apesar das iniciativas de mudança para superar estes indicadores de desencanto, os autores afirmam que “a escola está mudando para continuar sendo a mesma. Haja desencanto...” (2001, p. 18). Apesar desta afirmação categórica, o sentido do trabalho educacional continua revelando o desencanto na vida e no trabalho do professor, mas que pode ser compreendido, também, como uma possibilidade de encantamento.

Tal possibilidade pode ser percebida, principalmente no trabalho educacional, e de modo específico na dimensão pessoal e profissional do professor. De acordo com Jung, um dos grandes problemas educacionais não está tanto na criança, mas “na carência de educação no educador adulto” (2012, p. 180). Esta carência pode ser visualizada de muitas maneiras, mas segundo o autor, a demonstração da sua competência torna-se uma exigência cotidiana, e como o professor não consegue se afirmar mediante esta expectativa, dentre outras razões, começa um processo de desencantamento pessoal e profissional no exercício da docência.

Dentre a diversidade de razões que fazem com que o desencanto, na vida pessoal e no exercício do magistério seja um desencanto, podem-se indicar três categorias: a massificação profissional, principalmente naquilo que afeta a singularidade de cada professor; a instrumentalização das metodologias, especialmente pela preponderância técnica nos processos educativos; e a convenção às exigências coletivas, notadamente pela importância dada à realização profissional imediata, em detrimento das oportunidades que apontam para o sentido da existência humana.

Estes aspectos foram, na correspondência do seu tempo, analisados por Jung, quando propunha, para confrontar o primeiro aspecto, uma “educação para a personalidade”. Este processo educativo deveria acompanhar a vida do professor, compreendendo que a sua plenitude, numa dinâmica contínua, deveria levar em conta a determinação, a inteireza e a maturidade. Segundo o autor, a personalidade é uma obra à qual se conquista “pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria” (2012, p. 182). Tais atributos contribuem para a formação da personalidade e somente educa para a personalidade quem tiver personalidade, somente educa para a singularidade quem viver a singularidade, diluindo assim, a massificação profissional do docente.

A retomada insistente de Si-mesmo é um dos argumentos mais relevantes para a tomada de consciência das sombras do inconsciente. Conforme Jung, “o resultado natural é que o homem moderno só se conhece na medida em que consegue ter consciência de si mesmo” (2011c, p. 51). Com base nesta proposta é preciso construir a própria personalidade, tendo como referência desencadeadora o inconsciente, porém elaborada na consciência, objetivando criar a realização plena do ser humano.

Esta plenificação é conquistada por meio de um procedimento denominado, segundo a teoria de Jung, de individuação, que é “o processo de formação e particularização do ser individual, [...] um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade do indivíduo”. (2011c, p. 467). De acordo com o autor a personalidade seria identificada com a alma, que é um complexo determinado e limitado de funções. Esta dinâmica de individuação é um processo que, segundo Magaldi, “harmoniza o interior e o exterior, o consciente e o inconsciente, sacraliza o homem e o faz sacralizar a sociedade” (2010, p. 209). É por meio desta polaridade de opostos que se chega à personalidade, ou ao Si-mesmo.

Outra categoria anunciada, a instrumentalização das metodologias, também contribui para o desencanto educacional, principalmente porque as tecnologias educacionais e digitais assumiram contornos exponenciais, descaracterizando a dimensão emocional e atitudinal do docente. Com o desenvolvimento da tecnociência houve uma maximização das tecnologias e, de uma forma ou outra, foram invadindo todos os espaços sociais e educacionais. Neste caso o ambiente educativo tornou-se propício para adequar os processos pedagógicos às exigências dos instrumentos, fato que não diminui a importância das tecnologias, mas na medida em que elas, em vez de serem assumidas como meios pedagógicos, transformaram-se em finalidades do processo educacional, contribuindo com o desencanto pessoal e profissional.

Como possibilidade de harmonização entre essas tecnologias e um processo mais humanizador da educação, Jung defendia a importância do “coração do educador”, justificando que assim se chegaria de forma mais eficaz e mais efetiva à alma do educando. Apesar de haver um incremento das técnicas, que são importantes no contexto atual, o autor propõe uma metáfora, sugerindo que, “a matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança” (2012, p. 159). Nesse sentido, é oportuno reafirmar a importância do afeto e da emoção no processo educacional, objetivando dirimir o empoderamento da instrumentalidade tecnológica.

Outro aspecto que pode contribuir com a harmonização entre a instrumentalidade tecnológica e o exercício profissional pedagógico, segundo Jung, é o exemplo do professor. Segundo o autor, o bom exemplo “é o melhor método de ensino. Por mais perfeito que seja o método, de nada adiantará se a pessoa que o executa não se encontrar acima dele em virtude do valor de sua personalidade” (2012, p. 64). Sob este aspecto se retoma a referência básica do processo educativo, que passa pela personalidade e pela instrumentalidade. Considerando, porém, que nos últimos anos as metodologias tornaram-se superiores em relação à personalidade do professor, é necessário recuperar esta dimensão para garantir um educador mais encantador e uma educação mais encantadora.

Para que isso aconteça é adequado ampliar a compreensão do ser humano, que não se esgota no manuseio das instrumentalidades, mas que exige um entendimento mais abrangente e mais profundo. A proposta de Jung é da percepção de um ser humano que “contem em si as correspondências do vasto mundo, graças à sua atividade consciente e reflexiva, de um lado, e de outro, graças à sua natureza instintiva

hereditária, arquetípica que o insere no ambiente” (2011c, p. 41). A dimensão consciente reflexiva e inconsciente arquetípica, na medida em que estiverem harmonizadas com as instrumentalidades pedagógicas podem contribuir com o encantamento do professor e do processo educacional.

A terceira categoria que contribui com o desencantamento do professor é identificar o exercício pedagógico com uma simples “convenção”. Tal atitude fortalece a adequação aos desejos do mercado, gerando uma rotina aos mecanismos repetitivos da vida, bem como, descaracterizando o projeto peculiar de cada pessoa e de cada cidadão. Existe, também, diante das exigências contemporâneas, uma submissão exagerada à regulação do estado ou às exigências dos respectivos mantenedores das escolas.

Para criar uma polaridade de opostos, para esse modelo educacional de convenção, Jung propõe um “projeto de designação”. Segundo o autor, “quem tem *designação (Bestimmung) escuta a voz (Stimme) do seu íntimo, está designado (bestimmt)*”. (2012, p. 188). A raiz comum dessas três palavras germânicas revela a voz que chama para um destino, a voz de uma vocação que indica para uma missão. Tal modelo de educação irrompe com forças criativas para impulsionar o ser humano para a sua plenitude, desacreditando a convencionalidade que fortalece o desencanto.

Percebe-se, com muita nitidez, que o professor está sendo solicitado a responder, no contexto atual, a uma função estatística, estabelecendo um processo convencional para si mesmo, para as famílias ou para o mercado. Para superar tal tendência de funcionalidade pessoal e profissional, Jung propõe que “a autorregulação do organismo vivo exige naturalmente a harmonização do ser humano; por isso a consideração das funções menos favorecidas se impõe como necessidade vital e tarefa inevitável da educação do gênero humano” (2011d, p. 312). O encantamento educacional passa, portanto, pela superação do simples desempenho de uma função, para uma proposta valorativa do desenvolvimento humano.

A convenção pode se estender, ainda, para o projeto curricular, seguindo rigorosamente aquilo que prescrevem os projetos de ensino. Para contrapor a essa tendência Jung propõe que o educador deveria estar se colocando constantemente a seguinte questão: “ele procura realizar em si mesmo e em sua vida, do modo melhor possível e de acordo com sua consciência, tudo aquilo que ensina” (2012, p. 154). Esta afirmativa revela que no processo educacional é importante a técnica e a metodologia, mas não pode esquecer-se da importância da “educação de si mesmo”, no sentido de buscar a personalidade e por meio dela exercer o ato educativo.

Portanto, o desencanto pessoal e profissional do professor pode ser configurado, dentre outras categorias, pela massificação profissional, pela instrumentalização metodológica, e pela convenção pessoal. Com base na proposta da psicologia junguiana, tais características podem ser harmonizadas por meio de um projeto de designação, de um processo envolvente do coração do educador, e de uma educação permanente da personalidade, confirmando o seguinte enunciado: “Se os homens fossem educados no sentido de ver o lado sombrio de sua natureza, provavelmente aprenderiam a compreender e a amar verdadeiramente os seus semelhantes” (2011e, p. 155). Entende-se, portanto, a importância da luz do encantamento do professor, pautado na consciência da sua personalidade, implicado no afeto e emoção da energia mediadora da aprendizagem, e qualificado pelo exercício da docência como uma missão para o bem da sua vida e o bem estar da sociedade.

CONCLUSÃO

A história da humanidade e os processos civilizatórios humanos foram sendo construídos por meio da energia dialógica entre a luz e a escuridão, e entre o encanto e desencanto. Tais aspectos dialogais fazem parte da condição humana e não podem ser vistos como excludentes, mas como complementares. Apesar de determinado período revelar mais um desses aspectos, não se pode perder de vista que a inter-relação entre estas dinâmicas coloca em movimento o ser humano e a história.

Por meio desta energia chegamos ao século XXI, período marcado, por sua vez, por projetos luminosos, mas também muito sombrios. Vivemos, atualmente, desencantados com a frustração dos projetos ideológicos, com a fragmentação dos estados de bem-estar social, bem como, com a fragilização das instituições que foram referência, principalmente, para a educação. Esta realidade tem como pressuposto constituir-se, segundo os autores analisados no cenário contemporâneo, de um movimento líquido, de uma era do vazio e de um período caótico.

Estas tendências, junto com muitas outras, contribuem para que o processo educativo, principalmente na vida e profissão do professor, esteja marcado pelo desencantamento. É lógico que todos os profissionais sofrem as mesmas consequências, mas pelo fato do educador ter que educar por meio da sua personalidade, com o empenho do seu afeto e emoção, bem como com o sentido que dá à sua vida, estas características influenciam diretamente sobre o exercício da docência.

Enfim, no caso específico do exercício da docência, cujos reflexos do desencantamento advêm de fatores pessoais e estruturais, a proposta junguiana de um projeto de designação, de um processo envolvente do coração, e de um procedimento de educação permanente da personalidade pode contribuir para uma conexão sadia para consigo mesmo e com os outros, contribuindo com formação de pessoas encantadas e com a proposição de processos pedagógicos encantadores.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BAUMAN, Sygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. *Janela sobre o caos*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *Aspectos do drama contemporâneo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

_____. *O eu e o inconsciente*. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

_____. *Presente e futuro*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011c.

_____. *Tipos psicológicos*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011d.

_____. *Psicologia do inconsciente*. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011e.

_____. *O desenvolvimento da personalidade*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.

MAGALDI, Ercilia Simone. *Ordem e caos – uma visão transdisciplinar*. São Paulo: Eleva Cultural, 2010.

MAGALDI FILHO, Waldemar. *Dinheiro, saúde e sagrado: interfaces culturais, econômicas e religiosas à luz da psicologia analítica*. 2. ed. São Paulo: Eleva Cultural, 2009.

PINTO, Fernando Cabral. *A idade da realização*. Na história da vida, na vida da história. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1992.